

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietário — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — Collaboradores: — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, B. Machado, B. Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, João Monteiro, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Maria L. Caldas, Ricardo Cardozo, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 33

Maior — 1883

2.º anno

CLÉMENCEAU

No momento actual é este o homem para quem voltam os olhos todos aquelles que ainda confiam no papel um tanto ou quanto providencial dos grandes homens politicos. E de facto, Clémenceau parece estar destinado para ser amanhã o director da França republicana, para occupar o lugar vago pela morte de Gambetta. E esse o seu ideal, é essa a missão para que desde longo tempo se prepara.

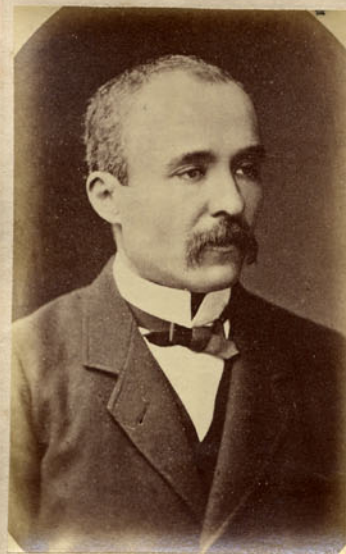
A politica, a arte que se funda na sciencia social, acha-se ainda n'um estado de empirismo completamente metaphysico. Não admira. A sociologia acaba apenas de entrar na sua phase positiva; e enquanto esta não estiver bem desenvolvida, enquanto não se conhecerem as principaes leis que regem os phenomenos sociaes, a politica não poderá sair do periodo metaphysico em que se encontra. Devemos mesmo lembrar-nos que a biologia, sciencia mais simples do que a sciencia social, está ainda no seu periodo de formação, e que a medicina, arte que corresponde á sciencia da vida, não abandonou tambem o empirismo que preside tanto á alopathia, como á homœopathia ou a qualquer outro systema menos em voga. No entanto, apesar de reconhecermos a imperfeição da arte de curar, recorremos ao medico quando estamos doentes. E igualmente n'esta profunda crise social, em que a humanidade se encontra, tem-se de aceitar a politica metaphysica, procurando, porém, cada qual approximar-se o mais possivel da solução definitiva que nos ha de trazer o pleno estado de positividade. Então desaparecerão provavelmente os grandes estadistas.

Approximamo-nos decerto da solução. Segundo Comte, o periodo de transição metaphysica era caracterizado por estar confiada a direcção politica das sociedades aos advogados e aos litteratos, homens sem uma preparação scientifica sufficiente para comprehenderem os phenomenos sociaes. Gambetta, apesar de reconhecer n'alguns rasgos da sua eloquencia oratoria que a politica tinha de se subordinar á

sciencia, mostrou na pratica a mais completa inaptidão para avaliar, distinguir e modificar as forças negativas e positivas da sociedade contemporanea. A sua educação não lhe permitia ser mais do que um sincero patriota. Clémenceau, pelo con-

Clémenceau « *Coming man* », o homem novo, o homem que vem, o homem que chega. E realmente elle chega, elle vem annunciar uma epoca nova.

* *



CLÉMENCEAU

trario, acha-se preparado com uma séria educação scientifica; não é advogado, é um medico; indica, portanto, a tendencia da civilização actual. A direcção politica vai dos advogados e dos litteratos para os homens de sciencia; aos medicos não de seguir-se os verdadeiros sociologistas. Assim a direcção politica de Clémenceau marca um progresso effectivo sobre a de Gambetta. O *Times* chama com razão a

Georges Clémenceau nasceu na Vendée, em Mouilleron-en-Pareds, a 28 de setembro de 1841. Começou em Nantes os seus estudos, e aos vinte annos foi para Paris, onde se formou em medicina, recebendo o grau de doutor em 1865. Durante a frequencia do curso, mostrou-se sempre um politico entusiasta e um propagandista arrojado, collaborando em *Le Travail*, *Le Matin*, *La Jeune France*, etc., e chegando a ser condemnado a dois mezes de prisão por convocar os estudantes para a Bastilha em 24 de fevereiro. Não era um estudante vulgar; dedicava-se com ardor á sciencia e acompanhava com vivo interesse os grandes trabalhos do seculo, lendo as obras de Darwin, Littré, Robin, Stuard Mill, Spencer, e outros sabios, que declaram guerra de morte aos conhecimentos *à priori* e aos principios absolutos da metaphysica. O seu cerebro tomou por esta forma uma orientação positiva, como o demonstrou com a sua these sobre a *Generação dos elementos anatomicos*, livro que fez sensação, e onde expõe e condensa admiravelmente as doutrinas e as theorias de Robin.

Concluido o curso de medicina, Clémenceau partiu para os Estados-Unidos da America, onde durante quatro annos completou a sua instrução viajando de cidade em cidade, percorrendo todos os estados, estudando os costumes do povo americano, apreciando as suas instituições, observando a marcha regular dos negocios publicos, preparando-se enfim para entrar na vida politica e contribuir para a reorganização do velho mundo.

De regresso á patria em 1869, estabeleceu-se em Montmartre, onde se tornou popular no exercicio da clinica. No anno immediato, depois da queda de Sédan, foi eleito *mair* do 18.º *arrondissement*, mas em seguida ao movimento de 31 de outo-

bro, promovido por Blanqui e Felix Pyat, pediu a sua demissão. O povo reelegueu-o. Em 8 de fevereiro de 1871, 95.144 indivíduos escolheram-no para seu representante na Assembléa nacional. O nome de Clémenceau distingue-se entre os que votam contra os preliminares da paz.

Sobreveio a Communa. O *maire* do 18.^o *arrondissement* desempenhou então um papel importante: foi elle dos que mais trabalho para impedir a grande manifestação popular provocada pelos poderes constituídos. O governo da defesa nacional, e principalmente Trochu, havia levado ao desespero o animo da guarda nacional, impedindo que entrasse n'uma luta decisiva contra os prussianos, que sitiavam Paris. Trochu era um traidor, era um agente dos partidos reaccionarios que provocavam *uma grande sangria* para livrar a capital dos republicanos mais exaltados. A *grande sangria* era indispensavel para restabelecer a religião e a realza. Os clericos e os bonapartistas augmentavam com as suas perfidias o descontentamento publico, exaltado já pelos desastres da patria e pelas privações do cerco. Thiers, ainda então orleanista confesso, continuou o trabalho de Trochu. Os federados, já descontentes pela serie inaudita de picardias soffridas do governo da defeza nacional, receberam uma ultima affronta com a nomeação do general d'Aurelles de Paladines para seu commandante. Tornava-se inevitavel a luta. Os generaes Lefló e Vinoy, cujo testemunho é insuspeito, confessam que a Communa nasceu do desespero causado pela capitulação de Paris e pela traição de Trochu. A estes motivos vieram juntar-se muitos outros. Os animos eram arrastados á revolução pelas provocações dos elementos reaccionarios, até mesmo dos que constituíam a maioria da assembléa nacional. Clémenceau, sendo ao mesmo tempo *maire* e deputado, foi dos que mais trabalhou para evitar o conflicto, procurando estabelecer um accordo entre o governo e os representantes dos federados. A questão das peças deu principio á grande revolta. O governo e o general d'Aurelles de Paladines haviam prometido por fim não tirar as peças aos guardas nacionaes. Clémenceau, fóra um dos que recebera essa promessa no dia 17 de março. A desconfiança publica parecia diminuir.

Thiers, porém, não era homem que seguisse um caminho recto, recorria sempre á astucia; á intriga; n'esta occasião foi ainda mais longe, recorreu a meios vergonhosos, digamos mesmo — infames. Consentiu, se não ideou o ataque de 17 de março. A noite, um ajudante de subdivisão correu todos os postos de guardas nacionaes de Montmartre, apresentando uma ordem assignada pelo *maire* Clémenceau, dizendo que tudo estava tranquillo e que podiam ir descançar para suas casas. A maior parte dos guardas foram. A ordem, porém, era falsa.

Horas depois, o general Lecomte á frente da sua brigada, cercava Montmartre, occupando todas as ruas que se dirigiam para o alto, onde estava o parque das peças; e pouco a pouco apossava-se de todos os póstos prendendo e desarmando os poucos guardas que ahí tinham ficado e que estavam desprevidos e confiados. Num dos póstos á interrogação de *Qui vive?* respondeu um tiro, e o guarda nacional cahiu ferido. Eram 5 horas da madrugada. Montmartre estava tomado. Lecomte acompanhado de dois officiaes foi passar revista á sua brigada nas posições que occupava. Ao chegar a esse ultimo posto, Lecomte encontra-se face a face com Clémenceau. O *maire* estava indignado; lembrou ao general a promessa que lhe fizera na vespera o ministro e Aurelles de Paladines, accusa-os de falta de

lealdade, censura-os pela rede traioeira que armaram aos federados, procura convencer Lecomte de que é uma imprudencia semelhante passo. Mas o general a nada attende, não quer ouvir razões; era um dos militares que ostentam certo desdém pelo elemento civil, por isso recebe mal Clémenceau. O *maire* vendo que nada obtem, quer ao menos levar o ferido e na sua qualidade de medico prestar-lhe os primeiros socorros. O general oppõe-se com violencia. Semelhante dureza insolente foi decerto uma das causas da sua morte! Lecomte manda pôr as mullas ás peças e entretanto Clémenceau retira-se desesperado.

Já a esse tempo se espalhara a noticia por todo o bairro e os guardas nacionaes furiosos culpavam Clémenceau. Este ignorava ainda a existencia da ordem falsa. Dereure, adjunto e amigo do *maire*, exclamou ao vel-o: «Vêde a vossa obra! as peças foram tomadas!» Os guardas nacionaes pedem vingança. Clémenceau tenta em vão justificar-se, só difficilmente escapa á colera do povo. Alguns amigos salvam-o, emquanto outros gritam: «As peças, não deixemos que as levem!»

As palavras de Clémenceau não haviam impressionado o general Lecomte, em compensação causaram profunda impressão no animo dos soldados; levantaram-se murmúrios, alguns recusaram-se mesmo a servir contra os federados, mas Lecomte mandou prender os insubordinados para os submitter a um conselho de guerra. Foi isso outra causa da sua morte. O abalo, porém, estava dado; os guardas nacionaes lançaram-se contra a brigada, cujos batalhões foram successivamente fraternizando com o povo; mulheres e creanças no meio das peças e em frente dos cavallos não os deixavam partir; foram cortados os tirantes, e então as mullas tiveram passagem livre, deixando ficar as peças nas mãos dos federados.

Assim começou a revolução de 18 de março. Os assassinatos do general Lecomte e Clément Thomas, foram imputados pela imprensa reaccionaria a Clémenceau; Paulo de Cassagnac, da tribuna, tambem o accusou por não querer evitar esses crimes. Clémenceau, porém, respondeu energica e victoriosamente aos seus adversarios. O *maire* do 18.^o *arrondissement* só tivera conhecimento d'estes factos depois de realisados.

Clémenceau ainda fez novas tentativas, tanto junto do governo, como na assembléa, para trazer todos a uma conciliação. No dia 20 de março apresenta um projecto de lei auctorizando a eleição de um conselho municipal de Paris, composto de oitenta membros. Assigna tambem o manifesto dos *maires* e deputados, fixando a eleição para o dia 26. Foram, porém, baldados os seus esforços, e descontente abandonou a sua cadeira de representante de Paris. Dando a sua demissão de deputado dá ao mesmo tempo a de conselheiro municipal para que fóra eleito no escrutinio de 26.

Nada pode fazer n'esse momento critico; porque os reaccionarios queriam a *grande sangria*, e o proprio Thiers pagava a agentes seus para acirrar os espiritos e desperstigiarem a ideia que guiava os sinceros e convictos republicanos communalistas. O mesmo Thiers é na realidade o unico culpado da morte do arcebispo de Paris e dos outros refens, injustamente attribuida aos membros da Communa. A causa justa foi vencida. Triumpharam os catholicos e os monarchicos. Thiers poude effectuar a *grande sangria*; porque era preciso aterrorisar a canalha, «*la vile multitude*» como elle dizia. Os massacres duravam oito dias; mais de trinta mil victimas foram sacrificadas. Não eram bastantes os pelotões de execu-

ção; recorreram ás metralhadoras; estas faziam melhor serviço, matavam de um modo mais rapido e mais horroroso. As denuncias subiram a 399,823! Mais de 38.000 pessoas estiveram presas nos póntões, d'onde saíram umas 20.000 passados dez mezes «*par ordonnance de non lieu!*» Innocentes, velhos, mulheres e creanças, foram innumeross assassinados pelo governo da ordem! Tres infelizes foram julgados e executados summariamente como se cada um d'elles fosse Jules Vallés, o distincto escriptor! Apesar de tudo e contra a vontade da maioria, a ideia era tão forte que se impoz aos vencedores e a Republica foi proclamada.

Em 23 de julho de 1871 é Clémenceau eleito de novo conselheiro municipal de Paris, pelo bairro Clignancourt; occupando successivamente a cadeira de secretario, de vice-presidente e de presidente do Conselho Municipal, torna-se notavel pelas suas ideias avançadas na politica e na administração do municipio, que elle procura tornar independente da influencia clerical. Em 1875 ao tomar a presidencia, diz: «O caracter dominante da nossa politica municipal, e n'isto sobretudo somos os verdadeiros representantes de Paris, é o estar profundamente imbuido do espirito secular, isto é que, conforme as tradições da Revolução franceza, nós queremos separar o dominio da lei, a que todos devem obedecer, do dominio do dogma que só é accete por uma fracção dos cidadãos».

Em 20 de fevereiro de 1876, foi eleito deputado por 15.204 votos contra 3.772. Occupando a cadeira de deputado, demitte-se do Conselho Municipal. Eleito pelo povo, tendo sido a sua candidatura apresentada por um comité republicano radical e dando a garantia politica do mandato imperativo, Clémenceau vae ao parlamento sustentar as mesmas ideias reformadoras e anti-clericas que defendeu no Conselho Municipal de Paris. Sobreveio o 16 de maio. É reeleito deputado pela capital, e em breve occupa um logar bem distincto como chefe de um dos grupos da extrema esquerda. Acompanha Gambetta, enquanto este famoso tribuno representa a vontade do partido republicano nas suas luctas contra os esforços dos monarchicos. Porém, logo que elle, renegando as suas antigas convicções, se lança n'uma via de transigencia e de contemporisação, alludando talvez pela ideia da desforra sobre a Alemanha, ou embriagado com os sonhos de conquista, e pretende levar a França para as aventuras guerreiras, Clémenceau separa-se e fórma á parte um novo grupo, cuja linha da conducta politica tem por caracteristica fundamental a separação da Igreja e do Estado e a instrução secular derramada com a maxima proficiencia.

Para defender as suas ideias funda um novo jornal *La Justice*, onde tem por colaboradores homens novos de convicções e de talento, como Camillo Pelletan e tantos outros, que em vez de serem simples litteratos, são homens habilitados para as questões sociaes com uma seria educação scientifica.

Difficil tarefa seria lembrarmos aqui todos os discursos em que Clémenceau tem brilhado, com o seu arrojado tribunicio, não de uma eloquencia balofa e falsa, mas de uma eloquencia simples e clara que tem por fundamento a verdade. Clémenceau junta á sua superioridade intellectual e moral, vantagens physicas, com as quaes nenhum dos seus adversarios póde competir; dotado de uma força herculea e adestrado no manejo das armas é o terror dos espadachins de profissão, como Paulo de Cassagnac, que nunca se quiz bater com elle. N'uma sociedade onde está ainda muito entranhado este vestigio de usos selvagens, — o duelo, — estas condições são

de um valor incontestável, que fazem sobressair o merito verdadeiro. Clémenceau tem a palavra fácil, logica, por vezes ironica, sempre firme e brilhante n'uma argumentação cerrada que destrõe, aniquila ou polvrisa o adversario. É um orador moderno.

Os seus discursos mais notaveis são ácerca da instrução publica e dos interesses da sociedade civil e contra o clericalismo, as pretensões dos jesuitas e as ambições do Vaticano. Clémenceau quer a separação entre o estado e os cultos, quer uma instrução derramada profusamente por todas as camadas sociais, mas livre de todos os preconceitos religiosos. O seu ideal é uma republica leiga e independente, que construa as suas novas instituições, sem reis, sem padres e sem Deus.

Recentemente, no anno findo, os socialistas quizeram levar Clémenceau a definir-se respectivamente á questão social. Contra a geral expectativa, elle, não só se saporou completamente das esperanças do proletariado, como negou a questão social. Enquanto a nós é este o seu maior erro politico. Certamente não devia adular ou lisonjejar a classe operaria, advogando utopias irrealisaveis ou phantasias proprias de estados atrasados da evolução humana; mas o que não podia era negar a existencia do serio problema social cuja solução compete á sciencia. A questão do proletariado é muito grave. Infelizmente a sociologia acha-se ainda no seu periodo de formação, e portanto só imperfeitamente se pôde prever a direcção que hade seguir este assumpto. Tendo uma educação scientifica, como tem, e aspirando a dirigir os destinos da republica franceza, como realmente aspira, Clémenceau, devia ser mais prudente e não levantar contra si a parte mais laboriosa do partido avançado.

A morte de Gambetta veio talvez apresurar o momento de Clémenceau se mostrar na direcção suprema dos republicanos. Passado este instante de estacionamento, devido ao abalo promovido pelos reaccionarios com a esperança de ver desaparecer a republica com aquelle famoso tribuno, cabe naturalmente a Clémenceau a occasião de implantar a separação da Igreja do Estado, e outras medidas de grande alcance para a reorganisação da França republicana. Nos formidaveis discursos pronunciados por motivo da morte de Gambetta e do projecto da eleição dos juizes, Clémenceau traçou já a direcção que leva a sua carreira politica de homem de estado. Vel-o-hemos em acção.

Por'ora só podemos affirmar que elle está melhor preparado, do que qualquer outro, para imprimir á politica franceza um caracter positivo e pratico que apresse o advento da phase definitiva da civilisação occidental.

TEIXEIRA BASTOS.

AO DR. MANUEL D'ARRIAGA

Mais je suis le soleil, et j'aparaís parce que je suis.

LIVRE PARÉGA.

Do logar em que estou escrevendo estas linhas os meus olhos descobrem os mais pittorescos pontos de vista, e as mais deslumbrantes perspectivas.

Por toda essa circumferencia que a minha vista alcança, observo uma variedade e arranjo surprehendedes, n'esses terrenos ora cultivados ora incultos.

Aqui coberto de massicos d'arvores, mais alem taboleiros esmaltados de plantas viciosas; emfim tudo distribuido com uma symetria e perfeição que nem sempre a natureza consegue attingir.

A atmosphaera está impregnada de inebriantes perfumes, como devem ser os que se distillam das odoríferas florestas de Ceylão.

Uma alluvião de idéas me assaltam a mente e me prostram n'uma melancolia inexplicavel.

Contemplo a desdita da minha patria, tão rica de encantos e tão esplendida como o Eden imaginario da lenda biblica!

Então recordo-me d'esse espirito philosophico, d'essa alma forte e esclarecida, e essa bemfazeja lembrança vem dar tréguas a essa tristeza pungente!...

E porque o nome de Manuel d'Arriaga é o sonho d'aquelles que estremeem pelo futuro da Patria!... E o sol nascente que assoma deslumbrante na sombria orla do horizonte!

Esse fulgor, radiante como um banho de luz, transforma-se: é porém n'essa influencia que eu encontro o seu maior prestigio. Para os devassos que nos governam e para os charlatães do culto religioso, é esse brilho semelhante ao que produz a lamina buida d'aguçado punhal!

Oh! bem haja o deputado do povo!...

Portuguezes! imitae na dedicação, na honra e no civismo a esse luminar da democracia, só assim podereis resgatar do opprobrio a nossa querida patria, tão aviltada pela monarchia.

Turcifal.

MARIA LUIZA CALDAS.

UMA BOA ALMA

Em humilde casebre, humido e frio,
Que um halito da morte bafejára,
Um maternal amor se desfolhára,
Ao passar dos zéphiros do estio.

De uns olhos bons se despenhava em fio
Triste pranto que a dor originára,
E de meiga orphásinha que o chorára
Aos pés formava condaloso rio.

É n'esse instante aus os humbraes da porta
Transpõe um padre velho e carancudo,
Que em seus labios o riso não supporta.

Mas, vendo da miséria o aspecto mudo,
Foge, sem orações deixando a morta,
E crente em Deus, que lhe perdoa tudo!

REKARÉDO.

A NATUREZA

Ao valente tribuno do povo
Dr. Sebastião de Magalhães Lima

(Continuação)

Tão sabia, como previdente, tudo ao homem concedes com a mais pasmosa igualdade: quer o homem amar? Que abra os olhos; que gose, e que ame! A natureza lá está para o encaminhar a sentir que ama! Tem fome, tem sede, tem vicios; lá está a natureza para o ensinar a satisfazer-se. Fóra d'elle, tudo lhe fornece: os campos, os mares com os alimentos de que o homem carece, fazendo-os multiplicar segundo o seu querer!

O teu dedo sempre, oh! Divindade, em tudo que nos cêrca, deixando-nos apenas como trabalho o meio de melhorarmos os thesouros que nos offereces!...

Não tens contudo um templo! Não se cantam hymnos em tua honra, não se te alevantam templos!

Os ingratos que te olvidam fallam só de Deos! D'elle provém tudo que disfructam, dizem elles; os padres e os reis que com isso lucram, prestando-lhe a occultas um culto infamante porque não pôde ser sincero assim...

E que te importam os seus crimes? Não os forças tu á humilhação em que vivem perante os que te amam? Fogem apparentemente ás tuas leis, os ministros d'uma só Divindade, a quem effendem, mas, real-

mente, se abraçam a ti, repellentes, cheios de vicios, e enodados pela deshonra: o teu completo triumpho!

Devassos! dizemos nós. Mentirosos apostolos d'uma Divindade da qual não sabem dizer a origem: porque te não escapas ás leis da nossa Divindade se tens outras a que obedecer? Porque acreditas n'um poder unico, e só unico, duvidando d'elle depois?!

E prégas ás turbas: Deos, e só Deos em tudo! Oh! escribas malevolos?...

Nós, os adoradores do que só o nosso espirito concebe como real, por ser claro á sua luz o objecto que essa adoração promove, preguntamos-te d'aqui: Como, superior á natureza o unico poder em que dizes confiar: — Deos; foi elle prostrado durante a sua perigrinação pelo mundo, pela natureza, sentindo a fome e a sede; como, a sua primeira obra, o homem, reconheceu como poder superior a Deos, a natureza, obedecendo a ella, e desobedecendo a Deos?

Dize-nos, porque, não tem principio nem fim o unico poder em que crês, se elle existe, se não ha principio sem fim, sendo a existencia o principio?

Explica-nos este mysterio impertinente com que nos enfadas; objecto caçado das tuas predicas, ou então: se o saber humano é finito, porque pretendes saber mais do que nós, fazendo parte de nós?!

A natureza, a sciencia, produção sua; essa, conhecemol-a como o nosso verdadeiro Deos; vemol-a, sentimol-a e admiramol-a!

Vão pois ao passado, oh! sabios da igreja procurar materiaes para a vossa obra: a superstição; trazei-nos o Christo, os seus apostolos, a resurreição do seu mestre; adorne as testemunhas da verdade que prégas, com essa base em que fundaes as vossas crenças, e vêde se sois capazes de nos demonstrar a verdade das vossas doutrinas no sacrilego insulto feito á natureza, negando-lhe os seus effeitos sobre a mãe da vossa unica Divindade; a mulher, a filha do povo, na sua qualidade de esposa e de mulher!

A natureza, que, 4000 annos tivera a sua rotação inquebrantavel, perdera o equilibrio produzindo uma obra monstruosa: a virgindade n'uma donzella, e depois n'uma mãe!!

Ella, a natureza a que tudo obedece *errou!* — Ella, a mãe da nossa mãe; aquella, que lhe fallou á sua alma para que nos amasse; a natureza, a mestra carinhosa que de tudo se aproveita em nosso favor dando-nos tudo de que dispõe; ella, a trabalhadora incançavel que, n'um crano descarnado, ondê out'ora, ella tenha determinado os piores pensamentos, pela indole mal encaminhada do seu possuidor, alli mesmo ella faz brotar uma flor sendo esse o seu capricho!

Que Deos, reconheceu a humanidade antes d'ella, repetimos? Em prejuizo da doutrina que invocaes a toda a hora, embora adulterada pela tua infame acção escurecendo-nos um ponto já duvidoso, diznos a lenda em que assenta a sua existencia que o homem admirou primeiro do que tudo as obras da natureza colhendo o seu primeiro fructo, *peccando então!*

Em prejuizo d'essa doutrina, oh! padres e alliados da igreja Romana... diznos pelos evangelhos: que o author de tudo o que existe, Deus feito homem sentiu-se fulminado pela natureza, querendo resistir-lhe, errando contudo o primeiro homem por lhe não poder resistir!!

Destruindo tudo em teu desfavor oh! natureza a quem divinismos, conservas-te triumphante com a tua obra sempre feita; tu nos acompanhias, e nos guias durante a nossa vida lutando contra os que te renegam; tu encaminhas a nossa penna para que te exalte!

Não erraste, não! A mãe do unico Deos, dos teus inimigos, sujeita ás tuas leis, passou de virgem a donzella, a esposa e mãe: nasceu, cresceu, sentiu as dôres da maternidade; sentiu os sobresaltos da mãe a quem roubam o objecto das suas affeições; tremeu, fugiu, chorou e morreu deixando no mundo quem a chorasse: os seus filhos!...

Immutavel sempre nos teus fins, que são: a destruição de tudo que produz, é um instrumento de tortura para os que te negam! Esses, sentem-te; amam e não podem amar sem que esse amor se torne um crime! Para esses, que te desprezam, existe a nossa maldição, o nosso desprezo, a ponta da nossa bota afastando-os de nós para que o seu contacto não nos infame, enquanto que nós, oh! Deusa que nos encantas com os teus prodigios, te damos lugar no coração, para que n'elle te abrigues á falta d'um templo que te negam, oh! Divindade mysteriosa!...

J. DE ROSIERS.

CONFRONTOS HISTORICOS

PRIMEIRO ARTIGO

I

No dia 28 de dezembro de 1847, Luiz Philippe abria a ultima sessão legislativa do seu reinado, pronunciando, entre outras, as seguintes notaveis palavras:

— «No meio da agitação fomentada pelas paixões *inimigas e cegas*, uma convicção me anima poderosamente, — é que possui a monarchia constitucional a união dos grandes poderes do estado, os meios mais seguros para vencer todos os obstáculos e os recursos necessarios para satisfazer a todos os interesses moraes e materiaes da nossa querida França.»

Estas erradas e atrevidas affirmações do rei foram friamente recebidas pela camara que, na discussão da resposta ao discurso da coroa, as condemnou pelas boccas autorizadas de Duvergier, de Hauranin, de Malleville, de Cremieux e d'outros que protestaram energicamente contra a affronta atirada á opposição pela magestade que, do alto do seu orgulho, não trepidou, taxando de *paixões inimigas e cegas* as demonstrações conscienciosas da vontade soberana do povo. Apesar d'estes protestos a resposta ao discurso da coroa foi approvada por 244 votos, abstando-se de entrar na lucta a opposição.

II

Cerca de dois mezes depois d'estes acontecimentos, a 22 de fevereiro, debaixo d'uma atmosfera pesada, uma multidão compacta seguia os boulevards, a rua de Santo Honorato e os caes, dirigindo-se á praça da Concordia. Os estudantes, reunidos no Pantheon, atravessavam Paris, cantando a Marselheza e dirigiam-se á camara dos deputados. O palacio Bourbon era invadido, um esquadrão de dragões sahia do quartel de Orsay, sendo recebido aos gritos de — Vivam os dragões! — emfim os pontos principaes da cidade eram occupados militarmente. No parlamento os deputados discutiam, no meio de crescentes preoccupações, um projecto sobre o Banco de Bourdeus.

A multidão, apesar de acosada pela guarda municipal (hoje felizmente transformada em guarda republicana), reforçava-se e affluia prodigiosamente para a praça da Concordia. Na camara Odillon Barrot depunha sobre a mesa do presidente Sauzet uma accusação contra o ministerio e n'este momento as portas da camara que deitam para os Campos Ely-

sios eram violentamente atacadas pela população; erguiam-se barricadas na rua de Rivoli e toda a cidade cedia ás impulsões d'um movimento extraordinario. De tarde tudo estava tranquillo; — ruas, boulevards, praças e caes estavam occupados pela tropa. A insurreição parecia vencida sem combate.

III

Nos dias seguintes foi insignificante o movimento e limitou-se apenas a leves escaramuças e arruaças sem significação digna.

A guarda nacional que queria a Reforma e a queda de Guizot, mas por meios brandos, contentava-se com manter a ordem, sem investir com a população e por fim desempenhou o papel de mediadora entre os revoltosos e o governo. Fez calar a artilheria, impediu as cargas de cavallaria e por toda a parte era acolhida aos gritos de — Viva a Reforma! Abaixo Guizot!

A disciplina militar ia faltando, a tropa fraternisava com o povo e o ministerio, vendo-se desprestigiado, pediu a sua demissão.

Cahi o governo de 29 de outubro e o conde Molé foi encarregado de formar nova situação. Consentiu Luiz Philippe em mudar de homens, porém o systema devia ficar immutavel.

O successor de Carlos X esquecia a celebre phrase de Schonen: *Il est trop tard!* e do alto do seu indomavel orgulho exclamava: «Ah! senhores liberaes, começas a lucta, ameaças-me, pois eu vos darei uma optima lição!» — E, n'aquelle devaneiar imbecil, monologava: — «Isto é uma tempestade n'um copo d'agua! Para que facam a revolução falta-lhes um duque d'Orleans!»

IV

A noite a cidade illuminava e a multidão circulava pelas ruas, trazendo acesos grandes archotes e precedida d'uma bandeira vermelha (1) desembocava da rua de S. Martin, seguia a linha dos boulevards e parava em frente do ministerio dos negocios estrangeiros, deante d'um batalhão d'infanteria, formado em quadrado, que occupava a extensão do boulevard dos Capuchinhos. O operario que levava a bandeira aproximou-se do commandante e sollicitou permissão para passar e os seus companheiros. O commandante recusou. Uma balla partiu do meio da multidão, n'este momento — *diç-se* —. O official, entrando no quadrado, deu a voz de — *Fogo!* — A metralha sibillou por entre aquelle mar ondeante e humano, os cadaveres alastraram o chão, o sangue correu em borbotões. O espanto e o terror dissiparam-se momentaneamente e de todos os lados gritavam os que sobreviveram ao attentado: — As armas! Traição, traição!

(Continúa)

ERNESTO PIRES.

A BIBLIA DO FUTURO

Eu venho retalhar com versos triumphantes as faces do passado e as negras podridões e n'estes ideias sonoras e vibrantes haverá muito fel, muitas indignações.

Eu saberei cantar os antros infectados onde viveiram outr'ora os Luiz desesais, porei uma grilheta, assim como aos forçados nos artelhos senis dos pápas e dos reis.

Hei-de cravar bem fundo o punhal da justiça no peito lazarento e vil da corrupção, hei-de esmagar de vez o cráneo da cubição com o montante auidaz da civilisação.

(1) Tricolor, segundo varios escriptores.

Terei no labio frio o riso de Voltaire e a ironia mordaz do grande Rabelais, serei a luz que assombra e que a pupilla fêre nos carrascos de Roma; aos bandidos da Fé.

Serei a voz potente, ameaçadora e nobre que sae do peito austero, energico e feroz do Povo que trabalha e vive e morre pobre... — O tyrannos da terra, ouvi a minha voz!

O JESUITA

Vêde, que bem lhe fica a corôa luzidia a destacar, além, do fundo illuminado do riquissimo altar da Mãe Virgem Maria que apenas teve, em vida, um traje estarrapado.

É moço ainda o padre e a sua alma escura é um pantano já dos infimos rancores, a mão d'elle macula a limpidez d'alvura, a bocca d'elle impõe uns tragicos horrores.

As creanças gentis fogem esparvidas ao vel-o atravessar os lugubres caminhos e cessam de cantar as aves doloridas com medo que elle veja os innocentes ninhos.

É que o olhar do padre amaldiçoado e esmagado, tem virus, tem veneno! Olhar maldito aquelle! Provoca o odio e a guerra, em sangue a terra alaga, corrompe a Virgindade o olhar sómente d'elle!

Vendeu o coração e a alma, se a alma triste n'esta materia está que o pensamento encerra, suicidou-se e vive, aquelle aborto existe e é hoje a maldição lançada sobre a terra.

ERNESTO PIRES.

CHRONICA

A chronica, meu amigo, é d'esta vez destituida de interesse... Mau que lá dei raia! Quero dizer... Não tem importancia alguma; «duas vezes é molestia» diz o rifão, e eu parece-me que estou com ella!... Mas com ella que? Ora esta! então não estava sonhando! é boa... O que faz a gente estar contentissima! todas as raiaes que dei são devidas á *alegria* que sinto, meu amigo... por duas cousas: a primeira pelo grande jubilo que este abençoado paiz ha de sentir com o juramento que o caro penhor vae prestar para empunhar as redeas do governo; a segunda é pela magnificencia da viagem d'el-rei, nosso senhor; por isso eu te dizia, *Ze*, que a chronica d'esta vez era destituida de interesse: e eu a dar-lhe outra vez!... quero dizer que d'esta vez é do maximo interesse para ti, meu amigo, que tens que satisfazer todas essas despesas; mas para isso tambem tomas parte na *reinação*, deitando a tua girandola de foguetes, e dando o teu viva e... viva a paradega.

Está tudo a postos, rei, ministros; e, toda a magna caterva que ha de acompanhar o seu rei e senhor á patria de Cid, tem andado n'uma roda viva a sacudir o pó dos fardalhões e a limpar os carachás e mais penduricalhos que não figurar n'aquelles *peitos valorosos* por occasião da grande parada que lhe prepara *o hijo de su madre*.

Na estação dos caminhos de ferro não ha mãos á medir a tirar as teas d'aranha das carroagens salão, que não de conduzir o nosso *querido* monarcha e sua comitiva ao paiz do... *pan y toros*.

Ah! meu amigo! se a tua magestade se lhe mette em cabeça ir e não voltar, o que ha de ser d'esta *infeliz* nação! e o que ha de ser de nós, amigo *Ze*?! *Que de prantos não irão por esse paiz fóra!* Mas descança, meu amigo que tal não acontecerá, por que sua magestade el-rei *nosso* senhor não ha de querer dar-nos esse *desgosto*.

Até que afinal Thomaz, o *lyrico*, se dignou aceitar a interpeção do nosso amigo o deputado republicano dr. Manuel d'Arriaga a proposito da prohibição do *meeting* da rua de S. Bento. Foi uma sova monumental com que o nosso amigo mimoseou o ministro caviloso e poltrão, honra lhe seja.

DANTON.